

A QUEDA DO RÉGULO ABDUL INJAI

Fabio Santos Barreto¹

Resumo

O presente artigo busca apresentar as tensões existente entre a administração colonial portuguesa e o Abdul Injai que no processo de invasão colonial foi o principal aliado português nos combates no Cuore, Bissau, Oio entre outros locais, todos na região que hoje conhecemos como Guiné-Bissau. E como Abdul Injai depois de ascender ao regulado do Cuore e Oio se rebela contra o sistema colonial e é derrotado e depois deportado da Guiné Bissau.

Palavras-chave: História. Colonização. Guiné-Bissau. Abdul Injai.

Recebido em 16 de outubro de 2018 e aprovado para publicação em 29 de dezembro de 2018

¹ Mestre em História pelo Mestrado-profissionalizante em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Correio eletrônico: fabioenciad@yahoo.com.br.

Introdução

O que motivou uma campanha contra o Abdul Injai? um personagem que conquistou prestígio, fama entre os portugueses chamado de herói de cor grande amigo de Portugal, tornara-se régulo do Coure e Oio, em muitas batalhas colocou sua vida em risco nas campanhas de ocupação portuguesa na região que ficou conhecida como a “Guiné Portuguesa”. Em setembro de 1916, Caetano Barbosa administrador da circunscrição civil de Farim fez a sua primeira visita a Mansabá, e ali reuniu os chefes da região bem como o régulo Abdul Injai. Nesta visita questionou aos presentes se eles teriam alguma queixa a fazerem, de imediato recebeu um não unanime, conforme o seu relato ele percebeu que tinham receio de falar algo na frente do Abdul.

O administrador então enfatizou que: “o régulo não podia aplicar multas, fazer exigências e nem obrigar a trabalhar nas suas lavouras”², só a administração poderia aplicar multas e apenas os trabalhos do governo seriam obrigatórios.

Abdul Injai em novembro de 1916 saiu de Oio e foi para o Cuore e lá ficou até março de 1917 e recusou todas as chamadas do administrador de Geba, que então, emitiu um telegrama ao administrador da circunscrição do Farim, dava contas que o Abdul e seus auxiliares estavam há três meses no Coure e nenhum deles trabalhavam, mas, viviam do que tomavam a força da população da região. Outros abusos eram registrados, moradores expulsos da região, outros foram presos sem motivo era o registro do administrador do Geba.

Em resposta, o administrador de Farim lhe dissera que iria intimar o Abdul a se recolher no seu regulado em Oio. No final de março de 1917 novamente o Administrador do Geba informa que o Abdul ainda estava no Coure e solicitava que o administrador de Farim o chamasse de volta para Oio devido o grande numero de queixas que havia contra ele.

Abdul ausentou-se do Oio no periodo que estava sendo realizado o arrolamento e cobrança do imposto de palhota, durante o arrolamento a administração civil tomou conhecimento de fatos praticados pelo Abdul e os seus auxiliares. A administração civil como forma de punir os atos praticados multou Babucar e Alburí Injai.

O capitão-tenente da Marinha Colonial portuguesa, João das Dôres Quadros relataou que Abdul Injai durante muito tempo recusou cumprir as ordens emanadas

² BARBOSA, Caetano. Relatório do administrador da Circunscrição Civil de Farim acerca do régulo do Oio, Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 93.

das autoridades portuguesas, sua rebeldia trazia grandes dificuldades a administração colonial e em muitos momentos desacatou as diversas autoridades. Por esse motivo foi ordenada uma campanha contra ele com o objetivo de levá-lo a obediência.

João Quadros ainda apresenta outras acusações contra o Abdul Injai, dizia ele: “Os Jauras capitaniados pelo laiá, que em nome do Abdul impôs uma multa a povoação de Nema de 20\$00 e 5 vacas por terem passado o gado para a margem de farim, mostrando assim, segundo os jauras diziam, que a referida povoação era contra Abdul, que era dono do chão”.³ Ainda acusou que varias vezes os jauras atacavam e saqueavam os carregamentos das tropas portuguesas.

O Capitão Augusto José de Lima Junior comandante militar de Bolama dirigiu-se ao governador da província e informou que a muito tempo o Abdul Injai vinha impunemente praticando todo tipo de desmando e prepotências sem consideração nem respeito pela autoridade administrativa, a ponto de fazer demonstração de poder diante do próprio governador da província quando visitou a circunscrição que o Abdul era o régulo.

Abdul foi intimado pelo governador a comparecer a uma conferência em Mansoá que acabou sendo realizada em Mansabá em caráter reservado porque ele recusou comparecer em Mansôa. O teor da reunião não foi informado ao comando militar de Farim, porém Abdul tornara de domínio público as suas exigências:

O efetivo do posto de Mansabá fosse reduzido de 84 militares para 32;
Que retirasse toda força militar de Farim, bem como todos os navios do porto;
Que todos os auxiliares da região de Bissoram fossem desarmados;
Que ao seu regulado fossem anexadas as regiões de Tiligi, Binar, Bula, Canchungo e Churo, e os régulos e chefes fossem nomeados por ele;
Que fosse pago a ele o valor de 40.000\$00 como recompensa do seu trabalho, de ter batido as regiões de Mansôa, Oio, Costa de Baixo e Bissau; e que ainda lhe fosse pago uma porcentagem de 10% sobre o imposto de palhota cobrado anualmente nas regiões referidas. Que só depois de atendidas as suas reivindicações e serem garantidas as suas pretensões por meio de documento assinado pelo governador, ele entregaria todas as suas armas.⁴

Apesar das acusações apresentadas por parte de autoctones e portugueses contra o Abdul Injai a administração colonial portuguesa via-se impotente diante do régulo do Oio. Muitas tentativas de intimá-lo a prestar esclarecimentos foram ignoradas

³ QUADROS, João das Dores. Relatório da cooperação prestada pela Marinha Colonial nas operações militares contra o ex-régulo do Oio Abdul Injai e sua gente. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa.** Nº 21 Vol. VI, 1951, p. 56.

⁴ JÚNIOR, Augusto José de Lima. Relatório sobre as operações realizadas no Oio, contra o régulo Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa.** Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 59.

e quando atendia alguma intimação Abdul enviava seu representante, geralmente o seu sobrinho Alburi Injai.

O Governador Ivo Ferreira quando tomou conhecimento dos fatos apenas aconselhou Abdul a parar de praticar tais atos. Antes da visita do governador a Mansabá, Abdul notificou que estaria retirando os seus homens da região do Canhabaque, porém ele continuou praticando os abusos de sempre.

Na tentativa de diminuir as ações do Abdul Injai, Caetano Barbosa administrador de Farim e o administrador do Geba propuseram ao governador um aumento na participação do valor das multas em favor dos régulos para 50% nas questões apresentadas por eles com o objetivo de evitar a crescente insatisfação, pedido que foi aceito e foi editada uma portaria provincial elevando o valor recebido pelos régulos, mas este aumento não fez com que Abdul Injai passasse acatar as demandas europeia.

Em outro telegrama emitido pelo administrador Caetano Barbosa da circunscrição do Farim ao Ministro das colonias, ele informava que seguia para esta autoridade um requerimento do Abdul Injai, a qual o administrador dava o parecer favorável dizendo ser justo o pedido, porém destaca que pagar o valor total solicitado seria um desperdício, porque ele gastaria tudo em espaço curto de tempo.

Caetano sugeria que pagasse ao régulo um valor mensal de trezentos a quatrocentos escudos para sua manutenção e dos seus auxiliares. Neste telegrama não consta a solicitação do Abdul e nem foi possível localizar em outros arquivos.

Cada vez mais surgiam acusações contra Abdul Injai. aconteceu que assim que o capitão Espirito Santo regressou para Mansôa, o comandante do posto de Mansabá enviou dois soldados para chamar a lavadeira para ir até o posto militar buscar a sua roupa para lavar, quando regressavam ao posto foram insultado e agredidos pelos homens a serviço do Abdul.

Um soldado foi ferido na testa por um golpe de espada, e o comandante do posto fez insistentes pedidos ao Abdul que apresentasse os autores da agressão, porém, ele recusou apresentar os agressores dizendo que ele mesmo já havia castigado os autores da agressão.

O capitão Augusto narrou que o comandante do posto teve que se curvar diante desta afronta, ainda acrescentou que o comandante teve esta atitude “não porque não via em seus soldados coragem bastante para se atirarem contra aqueles facínoras, mas

sim pelo receio que tinha de um revez, pois Abdul ao que se dizia, já contava com mais de 500 homens armados, ele era considerado o terror da Guiné”.⁵

Abdul impedia que os Oincas se aproximassem do posto de mansabá, e estes foram a Farim queixar-se do régulo, não vendo resolução das queixas prestadas contra Abdul, muitos deles começaram a mandar seus poucos haveres e familiares para Farim, pois eles eram feitos prisioneiros em sua tabanca, Abdul os forçavam a pagarem as multas que lhes eram impostas.

Jancó Dabô, Fodé Jambam e Malam Sanó da povoação de Salquinhé juntamente com Ansu Sanó e Somá Alá de Nema registraram queixas contra Abdul dizendo que foram presos, amarrados e espancados por um grupo de jauras comandados por Iaiá e que em Salquinhé os jauras roubaram 41 carneiros e 8 cabras, que todos foram levados a presença do Abdul. Foi espedida uma intimação para que Abdul Injai restituisse os animais roubados pelos jauras sob seu comando em Salquinhé povoação do Oio.

A resposta dada pelo Abdul foi narrada via declaração do alferes Alonso Figueira, “dos carneiros roubados, Abdul diz que dez estão em Yonfarim e os entrega ao portador. Dos restantes que tem em seu poder, já comeu alguns e só entrega os restantes ao indígena Jancó Dabô, por ser ele o proprietário legítimo do gado”.⁶

Para o capitão Augusto o verdadeiro intento de Abdul era castigar o Jancó Dabô por ter prestado queixa contra ele que era senhor da terra e que em momento algum pensou em restituir o gado roubado.

Ao tomar conhecimento das ações de Abdul Injai o quartel general português ordenou que o alferes José Pinto de Sousa Junior elaborasse um relatório dos fatos relacionados a rebeldia do Abdul Injai. o relatório traz em ordem cronológica os fatos ocorridos descrevendo as ações do régulo em questão. Aponta que houve assalto a povoação de Salinhotó e o indígena Malam Sanhá foi conduzido para ser executado pelo próprio Abdul.

Na sequência dois Oincas refugiados no território de Bissoram, foram a Gam-Sambú buscar suas ferramentas agrícolas, estes foram atacados por homens de Cherno Sabali que feriu um e o outro foi levado e não se obteve mais notícias. dias depois deste fato houve novo assalto agora na povoação de Fajonquito saquearam as dezessete

⁵ JÚNIOR, Augusto José de Lima. Relatório sobre as operações realizadas no Oio, contra o régulo Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 60.

⁶ JÚNIOR, Augusto José de Lima. Relatório sobre as operações realizadas no Oio, contra o régulo Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 63.

casas. Em 2 de julho cherno Sabali e seus homens atacaram a povoação de Batur, e levaram 36 cabeças de gado.

Outro fato narrado aconteceu em 26 de julho que a força de Cherno Sabali atacou os auxiliares em Gussafari, com o objetivo de tomar uma lancha que pertencia a empresa Salomão Neves & Cia. O alferes José Pinto relatou que a intenção de Cherno era utilizá-la para atravessar o rio e com maior facilidade atacar o posto, porém, não obtiveram êxito porque os auxiliares resistiram o ataque causando baixas ao inimigo. O próprio Abdul Injai dirigiu-se ao posto em Mansabá e registrou queixa informando que o comandante de Bissoram havia matado 40 dos seus homens.

Diante deste cenário o comandante de Mansabá Pedro Vilas Boas sentia-se impotente frente as ações do régulo, ele escreveu que Abdul Injai insistia em recusar-se ir a Bolama para a conferência com o governador e por causa disto as relações entre o posto e ele estavam tensas e se agravou porque houve um roubo de generos do comando que aconteceu em Biroque pelo chefe Aliú Injai, e também pelo corte da linha telegrafo de Farim.

Por este motivo Farim, Mansabá e Mansôa estavam em estado de alerta, havia rumores que os rebelados iriam atacar. Em Farim alguns moradores se apresentaram voluntariamente para defender a localidade e passaram a compor a guarda local, cerca de cinquenta homens foram armados com Snyders e outros com Kropatchecks.

Foi ordenado uma cooperação da Marinha Colonial e as tropas em terra. Apressadamente foi providenciado as embarcações que o Capitão-tenente João Quadros chamou de escasso e cansado material flutuante da Marinha Colonial: o Rebocador Bissau, Flexa, Oio e Capitania que foram equipados com material de artilharia de médio e longo alcance.

A tropa de terra avançava em direção a Mansabá e para ocultar o verdadeiro motivo daquela marcha, foi notificado ao Abdul que uma diligência estaria escoltando os carregadores que levavam suprimentos para o posto com o objetivo de evitar serem saqueados. Mas na verdade a marcha levava alimento e munições para a campanha contra o Abdul.

Quando a marcha chegou na povoação do Bironco, a guarda foi recebida por uma força de oposição que impedia a passagem dos carregadores que largaram as cargas ao chão e ameaçaram abandonar a marcha.

Em seguida surgia a distância um Cabo Europeu acompanhado do Alburí Injai, informava que o Abdul Injai já tinha conhecimento que o motivo da marcha era impedir que a carga fosse saqueada, sendo assim não havia impedimento para eles

continuarem a marcha. Assim o material pode chegar ao seu destino. O Plano português de enganar o verdadeiro motivo da condução de todo aquele material teve sucesso.

Essa movimentação portuguesa gerou muita desconfiança, o régulo Abdul Injai percebeu esse movimento português. Começou a surgir muitos boatos no Oio, que gerou muita preocupação para administração colonial.

Rumores

Noticiou-se que o Oio seria atacado por forças do governo e que esse ataque viria do lado de Farim, pois chegou ao conhecimento do Abdul que o chefe do posto militar estava comprando pólvora de um régulo do lado de Farim para combater contra ele.

Logo que o posto militar e administrativo de Mansabá tomou conhecimento desta notícia tratou de informar ao Abdul para que ele não acreditasse, pois, isto, não passava de boatos e ele mesmo notificasse a população para não dar crédito, porque a população do Oio não havia feito nada para que houvesse um plano de ataque por parte do governo.

A seguir houve a expulsão do tenente de segunda linha Mamadu Sissé da região da Costa de Baixo este acontecimento fez com que Abdul Injai cercasse toda a tabanca com pau sangue, carvão e outras madeiras resistentes, esta ação entre os nativos é chamado de tabanca de guerra, entendia ele que seria o próximo a ser atacado.

Mais uma vez o boato de que os portugueses estavam fornecendo arma e pólvora a um régulo dos lados de Farim ficava em evidência e o entendimento que a qualquer momento Oio seria atacado por este lado. Fato que o comandante do posto de Mansabá não pode averiguar por não poder sair do posto. o comandante do posto disse que o próprio Abdul era quem espalhava este boato, porque, dizia o comandante, “só ele é capaz de semelhante infâmia e de muito mais para conseguir os seus fins”.⁷

O comandante do posto entendia que com essa atitude o Abdul Injai estava experimentando os oincas para saber se poderia contar eles. O seu desejo era despertar a desconfiança dos oincas contra o governo e fazer a população confiar nele.

O comandante do posto disse que tudo não passava de uma estratégia, pois ele é inteligente e conhecedor de todo o Oio e sabe que os oincas só lhe tem medo e não

⁷ BARBOSA, Caetano. Documento nº 14. Documentos sobre a campanha contra Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 107

amizade e que por esta razão ele iniciou esta nova política para levá-los a acharem que estão ameaçados de serem atacados.

Apesar dos portugueses negar que pretendiam atacar o Oio, não deixava de ser verdadeira a intenção de atarcar o Abdul Injai. o governador Duque já havia expressado para Caetano Barbosa que um régulo amigo de nome Alfá era capaz de bater o Abdul e em troca seria lhe dado o regulado do Oio, e já havia apontado o momento do ataque que deveria ser depois de cobrar o imposto de palhota que naquele ano havia aumentado o seu valor para o dobro do cobrado anteriormente.

Sendo assim o boato não era de todo boato e estrategicamente Abdul explorou criando uma instabilidade na administração diante da população local.

Em resposta o governador emitiu em outubro de 1918 um telegrama no qual escreveu que leu todo o auto contra o régulo Abdul e havia resolvido ouvir os chefes da povoação sem a presença do Abdul e mandou o administrador fomentar em Oio indisposição contra o Abdul com o objetivo de preparar boa aceitação na deposição do régulo. Informou ainda que já havia conversado com antigos amigos auxiliares como Mamadu Sissé que no entendimento do governador o Mamadu havia se tornado inimigo do Abdul.

Por sua vez Caetano Barbosa respondeu ao governador que Mamadu era capaz de trair qualquer acordo do que representar prejuízo a Abdul Injai de quem era íntimo, pois era casado com a filha do régulo do Oio, ainda o alertou que era possível que Mamadu já tivesse dado conhecimento da conversa que teve com o governador.

Na avaliação do administrador a preocupação do governador em preparar a comunidade para depois destituí-lo com medo da reação oinca era desnecessária, pois população do Oio receberia de forma positiva a deposição do régulo Abdul, porque a população não o via como amigo, e se chegou até o governo notícias que os oincas se rebelariam contra essa decisão, isto era invenção do Mamadu Sissé.

O governador então notificou o administrador Caetano que em novembro visitaria a região do Farim para reunir os chefes da povoação sem a presença do Abdul. Ordenou Caetano convocar Abdul para deslocar a Bissau para encontrá-lo, mas era para marcar data posterior a sua saída de Bissau para não encontrá-lo ali onde ele (governador) já havia deixado ordens de não o deixarem retornar ao Oio sem o seu retorno da viagem.

Depois destes fatos o régulo Abdul Injai adotou medidas extremas. Caetano Barbosa informou ao governador que na noite de 19 de dezembro de 1918 o Abdul invadiu o posto militar acompanhado de mais de cinquenta homens armados dizendo

que Balantas haviam roubados suas mulheres e em seguida fugiram em direção a Cotiá região de Mansôa. E para persegui-los solicitava guia da administração, que atendeu o seu pedido.

Essa solicitação talvez fosse para disfarçar seu objetivo com a guia ele podia transitar livremente pelas autoridades portuguesas com seus homens armados sem ser incomodado, pois ele descobriu que no início do mês de janeiro o administrador iria iniciar a cobrança do imposto de palhota. Em três de janeiro de 1919 dois dias antes de iniciar a cobrança do imposto por parte de Portugal.

Abdul Injai dirigiu-se para Tambato povoação que margeia o rio Farim e lá impôs a população uma multa de cinquenta escudos, quatorze vacas e trinta escudos, em seguida deslocou para Nhamburam e ali ordenou que alguns indígenas fosse amarrados e exigiu dinheiro.

Ainda em Nhamburam enviou mensagem para os oincas com as mesmas exigências, fato que os oincas recearam em prestar queixas por não confiar que os portugueses fosse tomar providências contra o Abdul Injai. Quando o administrador chegou a Tambato que mandou avisá-lo da sua chegada, o régulo so respondeu a sua mensagem, por intermédio de Alhuri Injai, seis dias depois informando que estava doente.

Para o administrador esse comportamento do régulo soou como uma afronta, rebeldia, e que a sua paciência havia esgotado e solicitou medidas enérgicas por parte do governador, além disso colocou seu cargo a disposição se nada fosse feito.

Abdul Injai em toda a região passou a extorquir, violentar mulheres, confiscar gados, prender aqueles que se recusavam a obedecê-lo. A população já não buscava prestar queixas por não ver ação por parte dos portugueses, passaram a abandonar sua terras e passar para o território francês. Os portugueses a todo momento noticiavam ao Governo colonial os acontecimentos, porém declaravam não terem força para obrigar o Abdul devolver o que havia tomado da população e nem para combater contra Abdul Injai (o terror da Guiné).

O governador intimou Abdul a comparecer em Bissau o que este respondeu não poder ir porque estava doente e enviou seu sobrinho Alhuri, que ignorou a presença do administrador civil Caetano Barbosa que só o cumprimentou depois de ter sido atendido pelo governador.

Caetano Barbosa então dirigiu-se ao gabinete do governador para tomar conhecimento do que havia se passado e recebeu apenas a resposta de que o governador havia colocado o Alhuri para correr dizendo que precisava falar com o

Abdul. O fato é que o governador omitiu que havia enviado uma carta ao Abdul dando-lhe um prazo de 15 dias para que este se apresenta-se em Bolama, senão, ele mandaria buscá-lo. O governador omitiu a existencia desta carta ao administrador Caetano Barbosa.

O governador Duque recebeu a resposta do telegrama enviado pelo secretário de Farim este dizia que Abdul Injai respondeu dizendo: “que fôra deportado uma vez e que agora só a fogo”.⁸ Quando tomou conhecimento da existencia desta carta Caetano alertou o governador dizendo: “que quando uma autoridade intima o gentio com prazo fixo, deve ter pronta a força suficiente para obrigar o intimado a cumprir a intimação”. Ao perceber a situação entendia Caetano que não haveria outra alternativa para dar solução a questão a não ser com a guerra.

O governador Marinho manda informar via telegrama ao administrador Caetano que o Abdul Injai estava estregando suas armas em Caranque-Cunda, levando o administrador acreditar que este estava obedecendo as intimações do governo colonial depondo as armas. Que seria o cenário ideal para os portugueses, pois esta atitude estaria a evitar a guerra.

Esta notícia logo foi desfeita com a chegada do telegrama do administrador do Geba Calvet de Magalhães que cobrava providências contra o régulo, o telegrama informava que Abdul Injai havia roubado as armas dos indigenas no Cuore, armas foram fornecidas pelo governo português.

O hábil Abdul Injai jogou com Administração portuguesa ao ponto de tomar da população as armas que haviam sido distribuídas pela Administração portuguesa para que eles, os autóctones, pudessem defender-se das investidas do Abdul, e entregar essas armas como se dele fossem e que por isto estava de desarmando.

A ação portuguesa em armar a população contra o Abdul não surtiu o efeito esperado, que conter a ação do régulo naquela região, ainda gerou desconforto entre Calvet de Magalhães e Caetano Barbosa, este último frisou que o senhor Calvet havia informado ao governo central a entrega das armas por parte do Abdul e era este mesmo que agora cobrava providências contra o régulo do Oio por causa do roubo das armas da população e que foi recebida por ele como sendo arsenal inimigo.

Depois deste fato vários telegramas dão conta das ações do Abdul que depois de falsear o seu desarme continuou a prender os grandes da região de Gendú Gussarádin, cobrando altos valores, animais e grãos. A situação tomava grandes proporções, o

⁸ Documento nº 26, documentos sobre a campanha contra Abdul Injai, in: **Boletim Cultural da Guiné portuguesa**. Nº 21, Vol. VI, p. 114.

sargento do posto militar foi desacatado por Jauras a serviço do Abdul, e este considerava estava correndo risco de ser atacado a qualquer momento e pedia reforço para o posto.

O régulo do Oio mandou uma força de seus auxiliares estrada de Biroque onde havia um posto comandado por um sargento com trabalhadores intimá-los a abandonar o serviço. O sargento resistiu a ordem, porém desarmado foi aconselhado por outros e teve que abandonar o local.

Depois das ações de adquirir armas, estorqui a população do Cuore exigindo resgates em dinheiro, animais e grãos e de ter terminado a construção da tabanca de guerra Abdul Injai recolheu as mulheres e os jauras transportando suas espingardas embrulhadas e ali ficando concentrados. Essa atitude mostra que toda a ação do régulo foi planejada com o objetivo de preparar-se para a guerra contra Portugal.

Estado de sítio

Em 15 de julho de 1919 o governo declarou estado de sítio, e nomeou o capitão Augusto José de Lima Junior comandante geral militar de Farim, Bissoram e Balantas. O início da campanha contra Abdul Injai foi em 01 de agosto de 1919, para esta campanha o efetivo era composto por cerca de 50 militares europeus e 500 soldados indígenas e mais 57 carregadores.

Em 27 de julho os soldados a serviço de Abdul Injai atacaram os soldados portugueses e feriram um auxiliar que faleceu em seguida, o objetivo do ataque era tomar posse de uma lancha que estava carregada de produtos.

Em 30 de julho um grupo de carregadores foram atacados na povoação de Bironque, Bancar Sedibé conseguiu escapar e informou o acontecido ao comando de Farim que tentou comunicar o ocorrido ao posto de Mansabá por meio do telefone, mas não teve êxito porque a linha já havia sido mais uma vez cortada. Com estes ataques parece que o Abdul Injai estava buscando se abastecer de suprimentos para resistir ao cerco português.

Na tarde do dia 31 um dos homens do Abdul marchou em direção ao posto com arma em punho, logo os soldados do posto chamou reforço e abriram fogo contra o jaura e devido este fato convocaram a comparecer ao posto Alburi Injai sobrinho do Abdul.

Alburi Injai foi informado que se qualquer um dos homens do Abdul saíssem armados em direção ao posto seriam feitas três advertências e se estes não obedecessem

seria preso e se resistisse abriria fogo contra ele, porém o Alferes Figueira foi mais contundente dizendo: “ Alburí! Vai dizer ao Abdul que amanhã o primeiro de seus homens que aparecer com arma na mão, será fuzilado”.⁹

Logo o Alferes Sousa telegrafou para Bissoram solicitando reforço diante da ameaça aberta que o Alferes Figueira fez ao Abdul, temendo um ataque imediato do Abdul Injai contra o posto. Às 21 horas Abdul Injai ordenou o toque do tambor de guerra e reuniu a sua tabanca de guerra todos os seus aliados com exceção de Cherno Sabali que ainda estava em Bissancage.

Nesta noite foi realizada uma reunião onde ficou definido que no dia seguinte o primeiro soldado que saísse do posto e ultrapassasse o arame farpado era para atirar contra este, informação esta levantada pelo serviço de espionagem. Este fato nos leva a entender que entre os homens do Abdul Injai havia um ou mais agentes duplos que levavam as informações para o lado Português.

Parecendo não dar crédito a ameaça do Alferes Figueira na manhã do dia 01 de agosto saiu da tabanca de guerra do Abdul, um Jaura com uma arma longa ao ombro em direção ao posto. O sentinela ao ver chamou refoço e abriu fogo contra ele que fugiu ao segundo disparo.

Pouco depois relatou o comandante do posto que saía da tabanca de guerra mais de cem homens entre eles os principais chefes do Abdul que ficaram a cerca de 300 metros do lado norte do posto. Outro grupo com mais de 200 ocuparam o lado sul do posto, escondidos no milharal e palhotas próximo ao posto. e um outro numero não estimado pelo posto ficaram em frente o poirão próximo da tabanca de guerra.

Na tarde de 01 de agosto chegou ao conhecimento do Capitão Augusto José a informação que o posto de Mansabá estava sob intenso tiroteio, ao chegar em Demba-Só o Capitão encontrou os auxiliares que haviam partido de Bafatá que estavam ali aguardando o raiar do dia para se aproximarem do posto.

Estavam em posse de uma carta do comandante do posto de Mansabá que pedia socorro informando que estavam sem cartucho, que o Alferes Figuera estava ferido com gravidade e dois soldados também feridos e um morto. Ao ler a carta o Capitão desabafou dizendo:

escusado é dizer o desespero e mágua que se apoderam de nós nesta altura. Estando próximos de Mansabá e ouvindo distintamente o tiroteio, eram 3 horas, não nos foi possível continuar a marcha porque os auxiliares não se

⁹ BÔAS, Pedro Vilas. Relatório do Comandante da diligência a Mansabá, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 76.

prestavam a acompanhar-nos com receio de que o posto fizesse fogo sobre nós, no que sem dúvida tinham alguma razão.¹⁰

As 5h30min contando com um reforço de 124 auxiliares o Capitão Augusto avançou em direção ao posto de Mansabá e quando se aproximava do posto foram atacados por um vivo tiroteio que partia dos jauras que estavam emboscados no mato e nas palhotas ao longo da estrada de Yonfarim.

Mesmo embaixo deste ataque o reforço conseguiu chegar ao posto e foram recebidos com grande entusiasmo. Que logo passou devido a crescente investida inimiga, que fez com que apenas dez minutos depois um auxiliar do lado português fosse vitimado.

Em seguida chegou a notícia que o Alferes figueira havia falecido. Mais um auxiliar foi atingido na cabeça e faleceu horas depois, com esta sequência de baixa, os auxiliares Mandingas, Grumetes e Oincas ficaram receiosos e desanimados. Este estado de espírito desestabilizava os combatentes que a qualquer sinal do inimigo dispava desenfreadamente as suas armas levando o desperdício de munições e causava preocupação ao portugueses que sabiam que não tinham munições suficiente para resistir o ataque por muito tempo.

Ao perceber esta situação o capitão Augusto determinou que só as praças respondessem ao ataque inimigo até outra resolução (as praças correspondia aos soldados europeus). E determinou que uma força saísse do posto para destruir o milharal e assim expor o inimigo.

O Comandante do posto Vilas Boas como se nada soubesse, relatou que o intento do Abdul era chamar a atenção deles com os mais de 200 homens entre o milharal enquanto a outra parte que ficou na posição norte viria a retarguarda e incendiariam o posto. Ele enfatizou que:

Os seus movimentos, porém, não nos iludiram, antes despertaram mais atenção, sendo o nosso primeiro tiro justamente para o grupo de homens que se achavam postados no caminho de Yonfarim, com o canhão de 37mm... foi tão eficaz resultado que, segundo confissão do próprio inimigo, matou 14 homens, afora os que ficaram feridos.¹¹

Este embate durou até às 19h momento que os jauras buscaram refugiarem-se na tabanca de guerra, porque a estratégia de ataque havia sido descoberta, deixaram

¹⁰ JÚNIOR, Augusto José de Lima. Relatório sobre as operações realizadas no Oio, contra o régulo Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951, p. 67.

¹¹ BOAS, Pedro Vilas. Relatório do comandante do posto militar de Mansabá. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº21. Vol. VI, 1951. p. 78.

para trás mais de 70 corpos no campo coisa que eles não faziam, pois sempre recolhiam os seus combatentes que tombavam em combate.

Este ataque não parece ter sido obra da percepção bélica portuguesa, lembramos que havia espião infiltrado na reunião que o Abdul fez com o seu exército para definir a estratégia de ataque. Pois ficou evidenciado no relatório do comandante da operação que ele sabia exatamente qual foi a estratégia adotada pelo régulo Abdul Injai.

Na sequência do ataque aos jauras no milharal que os impeliu a recuar até a tabanca de guerra, ouviu-se um vivo tiroteio vindo da estrada de Mandabá-Mansôa, era o reforço de 277 homens comandados pelo alferes Alberto Soares destes apenas 53 eram europeus, o restante era formado de irregulares.

Durante todo o dia muitos Oincas compareceram ao posto oferecendo-se para lutar contra o régulo Abdul Injai, porém esses homens não foram utilizados porque os portugueses não dispunhão de armas e munições para armar esses voluntários.

Observamos que o número de portugueses envolvidos nesta campanha era quase dez vezes menor que o numero de Oincas, Grumetes e Mandingas, mesmo assim o alferes Soares escreveu que pelo fato das campanhas anteriores serem quase sempre desempenhadas pelo Abdul Injai e seus homens, estes desconheciam o valor das armas portuguesas.

A declaração do Alferes Soares não corresponde com os fatos ocorridos nesta campanha, pois, a grande maioria dos combatentes continuavam sendo de povos da região em questão e em todos os combates eram estes que estavam a frente invadindo e tomando as tabancas, como sempre ocorreu nas campanhas portuguesas na região da dita Guiné portuguesa.

O que mudou em 1919 foi que a guerra era contra o maior aliado da empresa colonial portuguesa Abdul Injai. Portugal passava a contar nesta campanha com outros aliados para destituir o régulo do Oio.

O ataque português trouxe muitas baixas ao exército do Abdul, na noite do dia 2 para o dia 3 de agosto não houve nenhum disparo feito pelos jauras contra o posto, ao romper da manhã quando os portugueses preparavam-se para uma ultima investida contra a tabanca de guerra do Abdul, e feitos alguns disparos de canhão contra a tabanca, viu-se uma bandeira branca improvisada e na sequência uma segunda na casa de Alhuri Injai.

Cessado o fogo caminhava uma crianças empunhando uma bandeira branca e com ele um homem indo em direção ao posto português, os Alferes Vilas Boas , Trindade

e Soares saíram a porta do quartel e reconheceram que o homem era Alburi Injai que dirigia-se ao posto para comunicar a rendição de Abdul Injai e todo o seu exército que ainda estava dentro da tabanca de guerra.

O balanço que pode ser feito após a guerra é que o Abdul injai antes do início da guerra contava com cerca de 650 homens sob seu comando, e em um período que compreendeu de 27 de junho a 06 de agosto de 1919 morreram 250 homens, presos e feridos que ficaram nas mãos dos portugueses 152 homens.

Na relação dos mortos os portugueses destacaram os chefes de guerra e homens influentes no regulado de Abdul Inja foram eles: Braima Jufo, Samba Culubali, Ali Injai, Lai, Sarim Sissé, Sadimbó, Jaboi, Chernó Drame e Malam Camboré que tinha alcunha de Nhabali.

Presos e feridos o próprio régulo Abdul Injai que perdeu o seu regulado, Chernó Bocar, Iaia, Abdulai Dama, Brama Tunundim, Mossori Bomdimba, Sanordam, Samba Fula, Iorandim, bocari Jau, Bori Danjó, Mamadu Bei, Abdul Cumba, Bocari Fodé, Alfa Umarú, Jam Sará, Assau A e Mamadu Umbaro.

Os combates de guerra duraram apenas 48 horas e o régulo Abdul Injai foi vencido porque os seus planos de ataque foram descobertos. Portugal cantou a vitória, porém a maior parte dos soldados eram das terras de África e não europeu, característica que em toda a história do colonialismo português é observada.

Os lusitanos na grande maioria ficavam aquartelados enquanto os combates eram travados pelos nativos de África, poucos europeus envolviam-se diretamente nos conflitos. Geralmente tomavam parte o comandante da expedição e alguns outros oficiais e praças. A campanha contra o régulo Abdul Injai em 1919 também enquadrava-se neste modelo, sempre o efetivo português foi diminuto em comparação ao efetivo dos irregulares (forma como eram chamados os soldados não europeus).

O relatório do Banco Nacional Ultramarino relata que houve centenas de mortos da parte do régulo Abdul Injai, diz que estas mortes não foram causadas apenas pelos disparos da artilharia, mas estes foram decaptados pelos auxiliares e pelo gentio que vinha sofrendo os rigores da gente do régulo preso.¹² Este relato deixa a entender que depois da rendição foram decaptados pela população oinca.

Fim dos combates, todas as palhotas que estavam a oeste da estrada de Mansôa e a mesquita do Abdul Injai foram queimadas em sua presença como punição ao régulo destituído, apenas a sua tabanca foi poupada de ser destruída a fogo por causa do

¹² Gerência do Banco Nacional Ultramarino – doc. nº 71, reservado.

grande numero de crianças, mulheres e feridos que estavam no seu interior, mas o relato do chefe do posto de Mansabá diz que os Mandingas estavam demolindo e reaproveitando as palhas para reedificarem as suas residências porque perderam tudo durante a guerra, porém estavam satisfeitos de ter chegado ao fim o jugo tirânico de Abdul Injai.

Ao prenderem Abdul Injai e seus soldados foi dada por encerrada a campanha contra o régulo. Os prisioneiros foram divididos em dois grupos um grupo com 51 presos, foi levado para Mansôa escoltado pelo Alferes Soares, o segundo grupo com 43 presos que levaram mulheres e crianças seguiu para Farim.

Neste grupo estava o régulo Abdul Injai, a população ao ver o régulo preso tentaram linchar e falavam o seguinte: “muito bom, muito bom. Aqui mesmo onde fizeste demonstração de força com tanta gente armada, vens agora mostrar a tua fraqueza, covarde!”¹³

O agente duplo

Ao ler a relação dos mortos, dos presos e feridos um nome que durante todo o processo de negociação que culminou na guerra não aparece. Observamos que Alhuri Injai um homem que serviu de intermediador durante todo o processo de negociação entre o régulo Abdul Injai e os portugueses, não figura em nenhuma das três relações mortos, presos ou ferido. Ele era o homem de confiança do Abdul, todas as vezes que o régulo do Oio necessitava de reportar-se aos portugueses era o Alhuri Injai quem o representava.

Pedro Vilas Boas comandante do posto de Mansabá descreve Abdul Injai como um homem vaidoso com mania de grandeza e de mando, deixava transparecer para aqueles que não o conhecia, ser um homem sério, de razão, porém era um mentiroso vulgar, falho de inteligência, que estava rodeado de uma quadrilha de bandidos afeitos a pilhagem. Após desenhar a caricatura do Abdul e seus soldados ele se refere a pessoa do Alhuri Injai dizendo:

Há porém neste meio corrupto de infâmias e latrocínios, uma pessoa única que eu julgo ilibada de todas as responsabilidades. É Alhuri Injai, alferes de 2ª linha e sobrinho do Abdul.¹⁴ Este homem, com quem tratei de perto desde de 18 de junho findo, foi sempre da máxima sinceridade e correção para comigo e toda a gente do posto. Respeitador das ordens do Governo, era no meio de

¹³ JÚNIOR, Augusto José de Lima. Relatório sobre as operações realizadas no Oio, contra o régulo Abdul Injai, **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº21. Vol. VI, 1951, p. 70.

¹⁴ BOAS, Pedro Vilas. Relatório do comandante do posto militar de Mansabá. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI, 1951. p. 83.

Abdul um revoltado, negando-se terminantemente a pegar em armas contra a nossa autoridade, o que uma noite lhe valeu, além do lábeu de cobarde, o epíteto de vendido ao governo e receber dinheiro do comando de Mansabá.¹⁵ De tudo isto fui informado no dia seguinte, pelo serviço aqui montado, pondo-nos ao corrente de todas as resoluções tomadas debaixo do poirão de Abdul.¹⁶

A forma como o comandante procura referir-se a Alburí Injai demonstra uma intenção clara de o proteger contra penalidades que este poderia receber com o fim da guerra, este relato deixa evidente a postura do Alburí no contexto dos conflitos que cercam Abdul e os portugueses, essa descrição o deixa em posição de destaque como aquele que seria até mesmo capaz de assumir o regulado.

Pedro Vilas Boas o denota como homem de conduta ilibada, de máxima sinceridade e correção para com ele e todos do posto de Mansabá, e ainda mais respeitador das ordens emanadas do governo português.

Há indícios no relatório do comandante do posto que Alburí Injai seria o agente duplo, aquele que levava as informações de tudo que era decidido nas reuniões do Abdul Injai, neste relatório além das acusações que recaiam sobre o Alburí, ele diz que a desconfiança por parte do régulo do Oio crescia cada vez mais, ao ponto de Braima Jufo querer proibir Alburí de ir sozinho ao posto militar de Mansabá, outra decisão de Abdul foi passar fazer reuniões secretas no em 1 de agosto, tanto que segundo Vila Boas no início da guerra Alburí Injai não estava com o seu tio Abdul, ele alegou estar em sua casa.

E que quando estava a tomar banho foi alvejado na perna por um dispao vindo do lado português, que de imediato foi ao encontro do seu tio e chegando na tabanca de guerra foi tratado como um estranho, que apenas no dia 3 de agosto foi solicitado a sair com a bandeira branca em direção ao posto militar português para negociar a rendição.

O comandante Vilas Boas ainda arrola em seu relatório as declarações de dois chefes mandingas que pediram-lhe para que não se fizesse dano algum a Alburí Injai, pois, nunca receberam agravo algum por parte deste. O comandante ainda acrescentou que: “...por amor a verdade, o que se me oferece dizer, sendo tão justo nas acusações dos criminosos como na defesa dos inocentes”.¹⁷

¹⁵ BOAS, Pedro Vilas. Relatório do comandante do posto militar de Mansabá. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Nº 21. Vol. VI, 1951. p. 83 - 84

¹⁶ BOAS, Pedro Vilas. Relatório do comandante do posto militar de Mansabá. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Nº 21. Vol. VI, 1951. p. 84.

¹⁷ BOAS, Pedro Vilas. Relatório do comandante do posto militar de Mansabá. **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Nº 21. Vol. VI. 1951. p. 84.

Mas parece apenas cumprir a sua parte em um possível acordo com o Alhuri, em seu relatório ele aponta que tomava conhecimento de tudo que era decidido embaixo do poirão do Abdul Injai, pelo serviço aqui montado, esse serviço refere-se a espionagem, alguém infiltrado no lado inimigo. Apenas os chefes e homens de confiança participavam das reuniões do Abdul Injai. Por tanto estas informações só poderiam vir de alguém muito próximo ao régulo do Oio.

Outro ponto importante a ser considerado é que a nenhum soldado português é feito referencia a esse serviço nos varios relatórios que tratam desta campanha. Nenhum outro nome de soldados que estava com o Abdul Injai a não ser do Alhuri Injai é feito tal descrição como aparece n relatório do comandante do posto de Mansabá. Não há relato de que tenha existido desconfiança por parte do régulo do Oio de outro integrante do seu exército a não ser de Alhuri Injai.

Condenado ao degredo

Amadeu Nogueira escreve que de Farim Abdul Injai foi escoltado junto com outros prisioneiros para Bolama onde chegou em 16 de agosto de 1919, e que ali recebeu a sentença de deportação para Moçambique, porém quando estava em Cabo Verde aguardando o transporte para o seu degredo, solicitou do governo Metrôpole que o deixasse na ilha¹⁸, o que conseguiu.

Mas um outro relatório, este não elaborado por militares, que levou a chancela de reservado, produzido pela gerência do Banco Nacional Ultramarino datado de 25 de agosto de 1919 diz que depois da prisão do régulo Abdul Injai seguiu um movimento politico capitaneado pelo major médico Francisco Regala que persuadiu alguns membros do conselho votarem contra a expulsão do régulo, alegando que o regulo deposto fosse submetido ao julgamento dos tribunais.¹⁹

Esta formalidade faria com que o processo de expulsão se arrastasse por muito tempo e que segundo a gerência do Banco Nacional parecia ser este o intuito do major que fazia isto por questões políticas contra o governador.

O major Regala conseguiu que o conselho votasse por maioria que o régulo permanecesse na colônia e fosse entregue aos tribunais. Esta votação causou alarme no

¹⁸ NOGUEIRA, Amadeu- Figuras da ocupação - Abdul Injai- **In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa.** Nº 13. Vol. IV. p. 58.

¹⁹ GERÊNCIA DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, Guerras, Bolama, 1919.

comércio, porque conforme a gerência do Banco Ultramarino, a permanência do prisioneiro era uma repetição de fatos ocorridos e um incitamento para outros régulos.

Em uma segunda reunião do conselho do Governo em sessão deliberativa, havendo nova votação decidiram em expulsar da colônia o régulo deposto, condenando-o a 10 anos. Mais uma vez fica evidente que o comércio é o fator que desencadeia as ações.

É necessário que se entenda que quando o documento fala sobre o comércio não se trata de comércio interno e nem da relação comercial Guiné - Portugal, aqui é a pressão do comércio internacional que faz com que o assunto voltasse a pauta de votação e o régulo deposto fosse condenado a expulsão da colônia.

Este documento contradiz a informação de Amadeu Nogueira que diz que Abdul foi condenado à deportação para Moçambique, no documento reservado do Banco Nacional Ultramarino diz que por proposta do Governador, Abdul foi condenado a cumprir a pena na Ilha da Madeira. Os conselheiros do régulo deposto Abdul Injai foram condenados e levados para cumprir em Angola.

Esta foi a segunda condenação ao degredo de Abdul Injai, a primeira ele foi condenado conforme fala Pélissier em sua obra diz que Abdul Injai e seus homens atacavam caravanas vindas do Senegal e teria atacado casas francesas em Temanto e Banbadinca e que esses ataques geraram protesto do administrador de Sedhiou, que levou a prisão no Geba em 1906, condenado pelo governador Muzanty, teve como pena a deportação por um ano e meio para São Tomé.²⁰

Porém não chegou a cumprir toda a pena porque recebeu o indulto do príncipe real D. Luiz Filipe que estava em visita as colônias de Portugal, passou em São Tomé onde o Abdul Injai cumpria pena. Recebendo o indulto Abdul Injai regressou a Guiné.²¹ Para em seguida tomar parte da Campanha do Coure e o próprio Muzanty que o havia deportado para São Tomé, no final da Campanha Abdul Injai foi instituído o novo régulo da região como reconhecimento do seus serviços.

Em um telegrama enviado pelo secretário de Farim ao Administrador de Farim em Bola, datado de 22 de março de 1919, dava conta que o régulo já tinha reunido muitos homens em Mansabá e quando recebeu a carta do governador que lhe dava o

²⁰ PÉLISSIER, René - **História da Guiné**: portugueses e africanos na Senegâmbia 1841-1936, p. 100-101.

²¹ Gerência do Banco Nacional Ultramarino – doc. nº 71, reservado.

prazo de 15 dias para ele se apresentar em Bolama, Abdul Injai respondeu que já havia sido deportado uma vez que agora só iria a fogo.²²

Cumpriu-se conforme noticiou o telegrama toda negociação com o régulo falhou, e tendo existido o confronto armado o régulo do Oio Abdul Injai viu-se obrigado a se entregar, foi condenado a deportação, porém, não chegou a cumprir a pena na Ilha da Madeira, Amadeu Nogueira aponta que o local que iria cumprir a sua pena era em Moçambique e que estando o régulo deposto em Cabo Verde aguardando transporte para seguir para cumprir a pena em moçambique, porém, o relatório do Banco Nacional Ultramarino diz que o seu destino seria a Ilha da Madeira. Fato é que o governo metropolitano atendeu o seu pedido e ele permaneceu em Cabo Verde até a sua morte.

²² Documento nº 26, documentos sobre a campanha contra Abdul Injai, in: **Boletim Cultural da Guiné portuguesa**. Nº21, Vol. VI, p. 114.